

LA CONSOLATA*

*Liliana Laganá***

La Consolata: era assim que a chamavam. Morava numa casa de dois andares, na rua principal da aldeia. No térreo, um local amplo, com pipas de vinho, mesas, cadeiras e um depósito nos fundos.

Uma escada de madeira, bem a pino, conduzia ao andar de cima, onde ficavam a cozinha e dois quartos.

Das janelas daqueles quartos podia-se ver, toda manhã, o sol surgir dos montes da Sila.

Nascera e crescera naquela aldeia. Única filha a sobreviver, tivera três irmãos de criação, que a mãe amamentara para não perder o leite deixado pelos filhos mortos.

Aos dezessete anos, a haviam casado com um aspirante-a-carabineiro. Belo homem, bom partido. Pensaram ter-lhe dado boa vida. Viveria – pensaram – tranqüilamente.

Mas o aspirante na realidade não desejava ser carabineiro. Desejava vida aventureira e sua primeira grande aventura a viveu lá pelos idos de 1907, partindo para a América, deixando a mulher com três filhos pequenos.

Voltou depois de três ou quatro anos. Com o dinheiro ganho na América montou um pequeno armazém naquela casa na rua principal da aldeia, onde se vendia vinho, azeite, castanhas, pão.

Trabalhava-se muito, mas se tocava a vida com dignidade. Além do armazém, havia a olaria, que pertencia à mãe da Consolata e onde os filhos, mal cresciam, iam ajudar e aprender o ofício.

* Versão para o português do original italiano L'ALTRA NONNA, prêmio 1992 do "Centro Internazionale di Studi Italiani dell'Università degli Studi di Genova", instituído por ocasião do 5º Centenário do Descobrimto da América, para professores e estudiosos da Língua e Literatura Italiana do Continente Americano.

** Professora do Dept. de Geografia da FFLCH/USP e Mestre em Língua e Literatura Italiana.

E a família crescia: em 1920 La Consolata já tinha oito filhos, dos quais dois gêmeos.

Em 1921, outra grande aventura do ex-aspirante-a-carabineiro levou-o de novo para longe, e desta vez para sempre.

Viera a guerra e viera a espanhola: uns haviam morrido na guerra e outros de espanhola e muitas contas no armazém ninguém as havia podido pagar.

Por outro lado, era forte o chamado da América: falava-se de uma terra de prata chamada Argentina, e outra chamada Brasil, de chão vermelho e rico, forrado de café...

O ex-aspirante decidiu partir para o Brasil e não foi sozinho: levou consigo o filho mais velho, que tinha dezessete anos e que, como o pai, se chamava Consolato.

La Consolata, quando o marido partiu, estava grávida da última filha, que nunca conheceria o pai. Ainda jovem e bela mulher, ficou com os filhos, o que restara do armazém e o nome Consolata, que herdava do marido. Desde então, pareceu que todos na aldeia esqueceram que seu verdadeiro nome era Teresa.

Lutou bravamente, anos a fio, ela no armazém, os filhos na olaria. No armazém, os homens iam jogar cartas à volta das duas ou três mesas do local, ao lado das pipas de vinho, debaixo dos olhares severos e vigilantes da Consolata: quem perdia pagava.

Anos a fio, nunca uma rixa, no armazém; nunca um mexerico, na aldeia. Dizem que andava sempre com um chicote, debaixo do avental, e que batia nos filhos, mesmo grandes, se saíam da linha.

E os filhos, mal sentiam as asas crescerem, levantavam vôo. Após o mais velho, foi a vez do segundo que, cansado de fabricar tijolos, decidiu seguir a carreira que o pai abandonara e partiu carabineiro para Roma. Não querendo mais servir à mãe, foi servir à pátria, pensando, quem sabe? que seria mais livre além, longe daqueles montes cobertos de bosques.

A mais velha das filhas casou-se e partiu para Reggio Calabria. A segunda casou-se com um vizinho – parente longe – que partia para a Austrália. Ele embarcou logo e ela esperou ser chamada. Conseguiu embarcar no último navio que saiu de Messina, dias antes do início da segunda guerra mundial. E por muito tempo não se teve notícias dela, não se soube se havia chegado ou não. Na despedida, balançara forte o braço no ar, da ponte daquele navio, e parecera feliz.

Partir para a Austrália ou para a América tanto fazia, para aquela gente acostumada às privações e às durezas de uma vida nada fácil. Parecia até que viviam à espera de partir, e quando alguém partia renovava-se a ânsia de quem ficava, renovava-se o sentimento de abandono, como surda nostalgia de terra prometida da qual se sentiam excluídos.

A guerra arrancou à Consolata os três filhos que ainda estavam com ela: os dois gêmeos e o menor. Com o outro, de Roma, quatro fizeram a guerra. Três voltaram.

O prefeito e o marechal dos carabinieri foram pessoalmente dar à Consolata a notícia da morte de Domenico, um dos gêmeos, e os berros da Consolata encheram a aldeia e a aldeia inteira berrou com ela.

Terminada a guerra, dois filhos da Consolata voltaram para casa, mas por pouco tempo. Eram mais as casas que se fechavam do que as que se construíam, naquela como nas aldeias vizinhas: os tijolos a poucos serviam. Por outro lado começara novamente o chamado da América, o canto de sereia daquela terra distante, que se fazia ouvir em cada carta que chegava.

Partiram eles também, os dois filhos da Consolata, um atrás do outro: o gêmeo para Montevideo, onde estava o pai; o menor para São Paulo, onde estava o irmão mais velho.

Por fim, a filha menor da Consolata casou-se, ela também, com um vizinho que partia para a Austrália e foi juntar-se à irmã mais velha.

La Consolata ficou na aldeia com uma única filha, casada, mas sozinha ela também, porque o marido dela, como o marido da mãe, como o marido de muitas mulheres da aldeia, havia partido para a América e não voltara.

Fechado o armazém, La Consolata vivia da pensão que o Estado lhe dava pelo filho morto na guerra e de algum dinheiro que os filhos, de onde estavam, lhe enviavam vez ou outra.

Foi quando a conheci: ela tinha sessenta e seis anos, eu treze.

Em julho de 1952, meu pai decidiu fazer uma viagem à Calábria, para visitar a mãe dele, e me levou junto.

Partimos de Roma lá pela meia-noite e permaneci acordada até depois de Nápoles, até que as últimas tremulantes luzes de Salerno desvaneceram diante de meus olhos pesados de sono: "Você precisa ver como é linda Salerno à noite!", havia dito meu pai.

Acordei em terra de Calábria no momento em que o trem costeava o mar tão de perto que me parecia poder tocá-lo com a mão. Era verde o mar, na esplêndida manhã, de um verde que lembrava imensa esmeralda, desvanecendo-se em azul, além; e a calma transparência deixava ver, junto à beira, os seixos branco-amarelados do fundo.

Um homem vestido de preto caminhava ao longo da praia, puxando um burrico, preto ele também. Caminhavam lentamente, como se não precisassem ir a lugar algum e pareceu nem perceberem o trem. E logo desapareceram de minha vista.

Descemos na estação de Paola. Daí seguimos viagem num vagãozinho que começou a subir por uma cremalheira em montanhas bravias, tragado de quando em quando por túneis escuros que o devolviam de improviso à luz sobre pontes suspensas em precipícios, no fundo dos quais largos leitos cobertos de seixos

faziam adivinhar a força das águas vivas das torrentes. À volta, bosques e bosques. De castanheiros, de carvalhos.

Eu olhava entre deslumbrada e inquieta. Quase me fazia medo aquela paisagem de traços tão ásperos e estranhos. Naquelas montanhas, a natureza parecia encerrar, como na mão de Deus, seus últimos e ocultos segredos e ao homem, perplexo, parecia ser concedida apenas uma passagem rápida, entre túneis escuros e precipícios assustadores.

Na cidade de Cosenza tomamos a litorina que nos levaria até a aldeia de meu pai, onde chegamos por volta de uma hora da tarde, debaixo de um sol a pino.

Creio que fomos os únicos a descer. Ninguém nos esperava: talvez nem soubessem que íamos chegar.

Percorremos a pé o trajeto de cerca de um quilômetro entre a estação e a aldeia e chegamos à casa de Nonna, na rua principal, cansados e suados.

A porta estava aberta e entramos. Estava escuro, dentro da casa, em contraste com a luz de onde provínhamos. Foi preciso algum tempo para enxergar a escada de madeira que conduzia ao andar de cima.

Uma voz, do alto da escada, nos fez entender que Nonna estava lá: talvez alguém, vendo-nos chegar, a havia avisado. A escada era tão a pino que quando chegamos no alto estávamos quase de joelhos diante dela, que nos esperava imóvel.

Meu pai a abraçou. Ela disse alguma coisa, depois disse alguma outra coisa dirigindo-se a mim (palavras perdidas porque não as entendi) e nos conduziu até um quarto, onde havia uma enorme cama e um baú.

Escuro o quarto também, como escura a cozinha por onde havíamos passado, com a fuligem grudada nas paredes e nas traves, de onde pendiam pedaços de toucinho defumado.

Escura a Nonna também, com sua roupa preta de amplas saias que lhe chegavam aos tomozelos e seu semblante sério, de traços duros como as montanhas que havíamos atravessado. Parecia que nunca um sorriso havia saído daquela boca, nem uma lágrima daqueles olhos. Somente os cabelos, totalmente brancos, fixados num grosso coque na nuca, lhe emolduravam o rosto com uma auréola de claridade. Dela eu não sabia nada: sabia apenas que era a mãe de meu pai.

Enquanto falava abriu a janela e a luz invadiu o quarto. Por um momento, sua figura escura, no retângulo luminoso da janela, me trouxe à lembrança o homem com o burrico vistos na claridade da manhã.

Outros vieram: a tia, os primos, as primas. Falavam, eu não entendia. Fomos até a Fontana Vecchia – a velha fonte de que tanto falava meu pai – beber a água que brotava fria das rochas, tão suave.

Passeamos pela aldeia, que se preparava para a festa de Nossa Senhora do Carmo. Em todo lugar um movimento alegre, em palavras e sons cujo sentido me escapava. Sentia-me confusa, perdida, estranha.

No dia seguinte, bem cedo, um passeio pelas montanhas. Debaixo dos bosques, entre a relva tenra, pequenas flores e amoras silvestres e, de quando em quando, riachos de águas claras que se podiam atravessar com um salto.

Às margens de um desses riachos um pastor, quase um menino, sentava imóvel. Meu pai me disse "olha!" e lhe fez uma pergunta, que repetiu duas três vezes sem obter resposta.

Afinal, a uma ulterior pergunta de meu pai, o menino pastor moveu lentamente a cabeça para o alto, parando-a depois bruscamente, ao mesmo tempo que fazia estalar a língua no paladar.

– Ele disse que não, – explicou meu pai traduzindo o gesto.

– O que você perguntou?

– Se se podia beber esta água.

Alguns anos mais tarde aprendi na escola que existem pastores transumantes, no Mediterrâneo, que no verão conduzem seus rebanhos para as pastagens tenras das montanhas, e vivem semanas a fio em silêncio e em solidão. Nós havíamos interrompido aquele silêncio e aquela solidão.

Nossa Senhora do Carmo foi saudada com missa, procissão, banquinhas que vendiam de tudo um pouco, jogos de tiro ao alvo, hinos, cantos. Meu pai me comprou um doce em forma de boneco que levei para Roma.

Mas sobreveio o tédio: aquele sentimento de estranheza aumentava e me fazia sofrer. Meu único interlocutor era meu pai, que muitas vezes estava ocupado em falar com a mãe dele e eu me sentia excluída daquele diálogo.

Nonna vinha, de manhã cedo, ao quarto onde dormíamos, abria a janela e o sol invadia o aposento com ares de dono, quase com arrogância. Ela também, com ares de quem se sabia dona, colocava-se ao lado da cama, em pé, firme em seus sapatos de homem, e começava a falar, a falar sem parar.

Meu pai a escutava atento, às vezes pesaroso. Respondia-lhe vez ou outra, em tom persuasivo. Eu olhava ora ela, ora ele, e não entendia uma só palavra.

Eu a olhava falar, e pensava em minha outra Nonna, aquela com quem eu vivera a infância e de quem ouvira tantas fábulas, em palavras que eu entendia e que me embalavam num mundo maravilhoso povoado de fadas.

Que dizia minha Nonna Consolata, tão rígida em pé ao lado da cama? De quem falava? De que dor?

Eu me mexia impaciente na cama e o enorme colchão de folhas de milho produzia um ruído seco, que encobria as vozes deles. Um movimento irritado ondeava no rosto de Nonna, e ela me fixava e se calava, à espera de que o ruído se aquietasse. Eu então jazia imóvel e um grande desejo de voltar para casa tomava conta de mim.

Logo não pude mais resistir e comecei a chorar. Meu pai tentou me persuadir a ficar ainda e me mostrava tantas outras coisas lindas, mas teve que ceder às minhas

lágrimas e nossa estada na Calábria, que deveria ser de quinze dias, não passou de quatro ou cinco.

Voltamos para Roma. Nonna Consolata despediu-se de nós na porta de sua casa. Olhamos para trás duas ou três vezes para acenar-lhe com a mão, enquanto nos dirigíamos até a estação, acompanhados por um pequeno grupo de primos e primas. Parecia que sua figura escura, imóvel diante daquela casa, nunca se separaria dela, como se quase fossem uma coisa só. Pensei que nunca mais a veria, e não fiquei triste com isso.

Mas, mal passaram três anos, a revi, na estação de Nápoles, às vésperas de nosso embarque para o Brasil. Outro filho da Consolata – meu pai – resolvera partir para a América, e desta vez ela também partia.

Terá sido o medo de ficar sozinha, naquela sua velha casa agora silenciosa? Terá sido o desejo de rever seu filho maior, que partira rapaz num janeiro tão longínquo? Terá sido o desejo de conhecer, ela também, a terra que lhe havia tomado, um após outro, seus filhos?

Partia, La Consolata, e talvez como nunca a aldeia sofreu de terrível abandono.

Na estação, a vi ocupada à volta de suas malas, as longas saias sobrepostas até os tornozelos e os cabelos em desordem pela viagem.

Olhou-me longamente, quando a cumprimentei. Não sorriu, mas disse algo.

– O que ela disse? – perguntei a meu pai.

– Que você cresceu muito, nestes três anos.

Depois falou dirigindo-se a meu pai, e desta vez consegui entender o que disse:

– E se ela chorar, na América?

Acabamos por morar juntas, por um tempo, em São Paulo, na casa de meu tio, o filho maior da Consolata, que se sentia feliz pela presença da mãe e dos irmãos.

– Vê como é bom agora, Mamma – dizia.

– Mas os outros estão longe, – queixava-se La Consolata.

– Mas você, Mamma, nunca está feliz, – diziam-lhe então os filhos.

E após tentar em vão convencê-la de agora tinha tudo para ser feliz, se punham a jogar cartas ou bochas, fingindo com isso, quem sabe? estar de volta à aldeia.

Mas La Consolata não estava feliz. Sentia-se perdida, confusa, estranha. Com exceção dos filhos, não entendia e não era entendida. Fechou-se em si e não falou mais de sua dor. Começou a fazer tricôs e crochês e com isso mantinha suas mãos continuamente ocupadas, e a mente sabe-se lá onde.

Nos dias ensolarados gostava de sair à rua, pela manhã, e ficava imóvel, com os olhos fechados, o rosto voltado para o sol.

Causava uma estranha impressão aquela sua figura escura parada imóvel naquela rua: parecia até um personagem arrancado de uma história e jogado em outra e que buscasse estarecido o seu lugar.

Faltava, àquela figura escura, o fundo daquela casa antiga e a moldura daqueles montes cobertos de bosques, na luminosidade daquela luz longínqua.

Adoeceu de repente: uma hemorragia cerebral a lançou num abismo misterioso, no qual se debatia sem cessar e de onde nos chegavam seus berros, seus lamentos, um riso infernal e um pranto desconsolado.

Vi o rosto de meu pai cobrir-se de uma sombra de tristeza:

– Desta vez, – disse – Mamma não resiste.

Mas La Consolata resistiu. Ficou assim por alguns dias, depois se acalmou, e aos poucos começou a voltar: começou a reconhecer os vultos à sua volta, começou a balbuciar-lhes os nomes, a falar. Voltou a memória, voltaram as lembranças. Só não voltaram o braço e a perna direita, e não saiu mais da cama. Viveu assim por mais de vinte anos.

Eu ia visitá-la com meu pai. Ele sentava ao lado dela e ficava escutando. Agora eu entendia aquilo de que falavam: no Brasil, ao lado do português, eu havia aprendido o calabrés.

La Consolata falava: era, o seu, um repetido lamento, e meu pai escutava atento, às vezes pesaroso, a evocação de suas dores, adivinhando talvez que em breve ele também estaria entre as lembranças e as dores de sua mãe.

Depois, quando ele não mais existia, eu ia visitá-la sozinha, quando podia.

– Senta aqui, – dizia-me ela, ajeitando um lugar em sua cama, com a mão esquerda.

– Veja... – dizia depois, olhando compassiva a mão que jazia imóvel em seu regaço. E olhando uma mancha de umidade na parede continuava:

– Nunca bate sol aqui... E eu tinha tanto sol em minha casa... Você se lembra? Você esteve lá uma vez, ainda menina. Mas você chorou tanto, tanto...

Eu olhava longamente esse rosto. Nele buscava o rosto de meu pai. Ela também me olhava longamente e dizia:

– Você se parece muito com teu pai.

E começava a me contar dele e era como se novamente o fizesse nascer diante de mim e novamente o amamentasse e me mostrava seu seio branco, ainda bonito. E em pouco tempo ele estava ali, garoto, a brincar entre a mãe e a filha.

– Era um pequeno peralta, teu pai... – contava Nonna. – Aos quatro anos, quando quebrou a perna...

Premida pela necessidade, havia vivido a vida toda sem nela poder pensar muito. Vivera, apenas. Agora tinha o tempo de saborear, de sua vida, todas as lembranças, as poucas doçuras e as muitas dores. Agradava-lhe contar. Tinha uma memória fantástica e falava de si, dos filhos, da aldeia.

– Consolato, teu Nonno, partiu para a América em 1907. Ficou três ou quatro anos e voltou. Depois partiu de novo, e desta vez não voltou e me levou embora também Consolato, teu tio... Foi em 1921. Naquele ano partiu muita gente da aldeia.

Partiram... – e fechava os olhos num esforço de memória, e dizia nomes, e contava as casas que naquele ano se haviam fechado na aldeia.

Nonna Gemma, na infância, contara contos de fadas e falara de futuro e de esperança. Nonna Teresa, agora, contava histórias de vidas vividas, e falava de passado e de dor.

Com a mão esquerda, abria a gaveta do criado-mudo ao lado da cama, pegava um livro de preces que havia trazido consigo da aldeia e que guardava, entre as páginas, as coisas mais preciosas: a foto de Domenico, a foto de meu pai (os dois em uniforme militar), as fotos dos filhos e netos distantes, a última carta que chegara da Austrália, a outra vinda de Montevideo.

– Leia para mim... – dizia.

Eu lia. E ela escutava atenta as palavras que já sabia, porque outros já haviam lido a carta para ela e ela queria se certificar de que nada lhe havia sido escondido.

– Pasquale está mal, – dizia. – Não é ele que escreve. É a mulher dele. Acho que já morreu e não querem me dizer...

E, apertando as fotos de Domenico e de meu pai, chorava. La Consolata chorava um longo, desconsolado pranto.

Certo dia me disse:

– Abre aquele armário e me pega uma garrafa de vinho.

– Mas não tem vinho aqui, Nonna – respondi.

– Claro que tem. Eu mesma escondi, ontem à noite. Escondi também trigo, para quando voltarem da guerra – disse ela, e sua voz perdera o tom queixoso, era voz quase de mando, a mesma de quando na aldeia abria suas janelas ao sol.

Passado e presente se confundiam em sua mente. Não vivia mais de lembranças. Vivia o passado.

Outra vez, baixando a voz num tom de cumplicidade, me disse:

– Você me traz um pouquinho de whisky?

– Whisky, Nonna? – perguntei num sobressalto – mas você gosta?

– Não sei – respondeu simplesmente – mas todos dizem que é gostoso. Teu Nonno também dizia, quando voltou da América. E eu só quero saber que gosto tem...

Não podia beber álcool. Eu não levei o whisky e me arrependi.

Morreu alguns dias depois. La Consolata, que tantos sabores conhecera da vida, morreu sem saber o gosto do whisky.